



A União das Cidades Capitais  
Luso-Afro-Américo-Asiáticas  
e a Assírio & Alvim têm o prazer de o/a  
convidar para o lançamento do livro

***CIDADE DO MAIS ANTIGO NOME***

de José Luiz Tavares e Duarte Belo

A apresentação do livro será feita pelo Professor Doutor  
Pires Laranjeira e pela jornalista Alexandra Lucas Coelho.  
Música com Pascoal Silva.

No final da sessão será servido um pequeno cocktail.

No próximo dia 11 de Fevereiro, quinta-feira, pelas 18h30,  
na sede da UCCLA (Rua de São Bento, 640, Lisboa).

Para mais informações: 213583030



O poeta **José Luiz Tavares** publicou Paraíso apagado por um trovão (2003), Agreste matéria mundo (2004), Lisbon blues (2008) e, agora, Cidade do mais antigo nome (2009).

É provavelmente o poeta mais inusitado que surgiu nas literaturas africanas de língua portuguesa após as independências dos países. Cáustico, irreverente, aliando o classicismo das fontes e o conhecimento vasto da poesia universal ao canto da terra pátria, numa linguagem simultaneamente antiga e moderna, tem uma voz poderosa e altissonante, de uma criatividade completamente fora do habitual, que surpreende pela eloquência e ironia, como se uma raiva profunda chegasse em forma de soneto, domada, feliz, e, paradoxalmente, cuspidando fogo e melancolia.

Por isso, o que poderia parecer uma poética exacerbada, egolátrica, bebendo nas vísceras dos sentimentos e sensações (inadequação à sociedade, insulação, revolta individual, afirmação narcísica, prazer gratuito de chocar, todos os tipos de catarse e expiação), aparece com toda a força de um processo épico de metamorfose da história em matéria de nação e do esforço ético para a desconstrução do sofrimento psíquico: “combatendo a babugem/sou poeta de verso brabo”. Mas um “verso brabo” domado pelo soneto, em que o azul recorrente do arrebatamento romântico, no sentido da liberdade e da procura de vastidão, se associa à vigilante consciência de que “dar brilho aos reflexos é apenas literatura”. Este descer do azul alado dos céus, que exprimia o “horror à normalidade”, e que a busca alquímica da “matéria

negra” compensava, para enfrentar, não as “ridentes metáforas”, mas a “pólvora/de muitos medos”, desarmado com um “coração dissonante”, consagra no poeta o “obstinado peso das raízes”.

**Pires Laranjeira** - professor de Literaturas e Culturas Africanas e investigador do Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.